



DISSONÂNCIA

Revista de Teoria Crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título Apresentação

Autor(a) Ingrid Cyfer e Inara Marin

Tradutor(a) -

Fonte Número Especial: Amy Allen (*Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, volume 2, número especial, junho de 2018)

Como citar este artigo:

Cyfer, I.; Marin, I. "Apresentação". *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 2, n. especial, p. 7-12, junho de 2018.

APRESENTAÇÃO

Inara Marin e Ingrid Cyfer

Amy Allen é uma filósofa estaduniense reconhecida internacionalmente como um expoente da teoria crítica. Sua reflexão se encontra na intersecção de diversos campos, tal como proposto pelo modelo interdisciplinar da Teoria Crítica. Allen se preocupa com a crítica da economia política, crítica da cultura, feminismo e com a psicanálise. Além disso, ela é uma importante interlocutora das principais referências da teoria crítica contemporânea, tal como Jürgen Habermas, Axel Honneth, Rainer Forst, Joel Whitebook e Nancy Fraser.

Desde o início de sua trajetória intelectual, Allen integrou-se a um ambiente acadêmico privilegiado do ponto de vista da formação e interlocução no campo da Teoria Crítica, em particular da Teoria Crítica pós-habermasiana. No período em que cursou e escreveu seu doutorado na *Northwestern University*, o Departamento de Filosofia dessa universidade

8 | reunia dois dos mais importantes nomes da teoria crítica dos Estados Unidos, Thomas McCarthy e Nancy Fraser. A tese de Allen, orientada por Fraser, foi impactada por esse contexto, especialmente por um dos elementos preponderantes na reflexão de Fraser da época: a reflexão sobre concepções feministas de poder¹.

No entanto, apesar de ter herdado esse aspecto da agenda de Fraser na tese de doutorado, foi somente em seu segundo livro, *The Politics of Ourselves: Power, Autonomy and Gender in Contemporary Critical Theory* (2008), que se pode observar um engajamento mais direto de Allen com a teoria crítica habermasiana, assim como com o projeto de Fraser de articulá-la ao pós-estruturalismo de Michel Foucault e Judith Butler.

Em março de 2016, Allen veio ao Brasil participar de um ciclo de eventos organizado pelo CEBRAP e pelo Departamento de Filosofia da USP, com financiamento da FAPESP. Dois meses antes, Allen havia lançado seu terceiro livro *The End of Progress: Decolonizing the Normative Foundations of Critical Theory*, em que retoma algumas das discussões de seu trabalho anterior, mas aponta menos na

¹ A tese de Allen foi publicada em livro sob o título *The Power of Feminist Theory: Domination, Resistance and Solidarity*. Boulder, Colo.: Westview, 1999.

direção da articulação entre Foucault, Butler e Habermas, e | 9
mais para uma crítica pós-colonial à teoria crítica contemporânea, especialmente a Jürgen Habermas, Rainer Forst e Axel Honneth.

Allen proferiu palestras, a primeira delas no Departamento de Filosofia da USP, a segunda na Faculdade de Direito da USP e a última no Centro de Pesquisa e formação do SESC. Nessas ocasiões, a filósofa apresentou um texto de transição entre seu livro de 2008 e de 2016, cuja tradução foi publicada pela Revista Novos Estudos². No CEBRAP, foi realizado um quarto encontro: o Colóquio *Autonomia, Poder e Gênero*. O evento teve início com a fala de abertura de Amy Allen, seguida de duas mesas em que foram apresentados trabalhos que dialogam diretamente com o pensamento da autora. Os artigos reunidos nesta Edição Especial do Segundo Volume da *Dissonância: Revista de Teoria Crítica* correspondem àqueles que foram apresentados oralmente no Colóquio do CEBRAP³.

² Allen, A. “Emancipação sem utopia: sujeição, modernidade e as exigências normativas da teoria crítica feminista”. (Tradução: Inara Marin, Felipe Gonçalves Silva e Ingrid Cyfer). *Novos estudos CEBRAP*., n. 103, Novembro de 2015.

³ Além dos textos publicados neste número, foi também apresentado no Colóquio o texto de Arthur Bueno “*Power and Autonomy: Sociological Considerations*”.

10 | A primeira mesa teve início com a apresentação do texto “Déficit Psicanalítico na Teoria Crítica Feminista” de Inara Marin. Em sua apresentação, a autora propôs um retorno à teoria lacaniana como forma de superar o déficit psicanalítico na Teoria Crítica Feminista. Com base nas noções lacanianas de identificação simbólica e imaginária e dos conceitos de “ideal do eu” e “eu ideal”, Marin buscou mostrar o modo como a psicanálise pode se revelar uma ferramenta que contribui de modo decisivo para a produção de diagnósticos de tempo, limitação das utopias, e apresentação de formas de subordinação não patológicas.

Em seguida, Ingrid Cyfer apresentou o texto “Razão, narrativa e corpo no modelo de self de Seyla Benhabib”. Partindo da crítica de Amy Allen ao que seria um núcleo racionalista do modelo narrativo de self de Benhabib, o texto propõe, em primeiro lugar, um deslocamento da discussão sobre o “núcleo do self” para a “corporificação do self”. Em seguida, sugere que o modelo de Benhabib pode responder às críticas de Allen, mas que para fazê-lo seria necessário articular a noção de corporificação inscrita na concepção de self de Benhabib com recursos teóricos que “a rede de dependência” de Carol Gilligan não pode oferecer, mas que podem ser encontrados na noção de *corpo como situação* de Simone de Beauvoir.

A segunda mesa teve início com o texto “Amy Allen e o empoderamento do mundo da vida” de Felipe Gonçalves Silva, que discutiu a proposta de Allen de investigar, na obra de Habermas, vestígios de diferentes modos de inscrição do poder na reprodução simbólica do mundo da vida, combatendo uma interpretação preponderante que reduz a crítica do poder em Habermas à tese da “colonização sistêmica”. | 11

Rúrion Melo apresentou o artigo “Dimensões políticas do reconhecimento e seus limites” no qual ressaltou a importância propriamente política do conceito de reconhecimento salientando tanto as contribuições quanto as dificuldades que a concepção de reconhecimento de Axel Honneth apresenta para uma reflexão sobre a política para, então, propor uma maneira frutífera, mas mais modesta, de empregar politicamente o conceito de reconhecimento, admitindo algum grau de indeterminação prática da política.

Ana Claudia Lopes, por sua vez, apresentou uma resenha do livro de Amy Allen publicado em 2016, *The End of Progress: Decolonizing the Normative Foundations of Critical Theory*. A resenha, intitulada “O que é crítico na descolonização da teoria crítica? Amy Allen e *O Fim do Progresso*”, discute as objeções de Allen às estratégias neo-hegelianas e neokantianas adotadas na teoria crítica a partir de Habermas para, em seguida, analisar

Apresentação

12 | a contraproposta da autora de uma genealogia problematizante e um contextualismo metanormativo.

Esperamos com a publicação do artigo com o qual Amy Allen abriu o Colóquio, juntamente com os textos apresentados nas mesas que se seguiram à sua fala, expandir as discussões ocorridas presencialmente no CEBRAP para um público mais amplo e assim contribuir para intensificar no Brasil debates e pesquisas acerca das questões que a obra de Amy Allen tem suscitado na Teoria Crítica Contemporânea.

Boa leitura!